

PODER PASTORAL EM MEN'S HEALTH: FORJANDO TIPOS FEMININOS PARA FABRICAR IDENTIDADES MASCULINAS

Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago*
Priscylla Alves Lima**

Resumo: A analítica do poder, descrita por Foucault como multifacetada e relacional, propõe que o exercício do poder tem estreita ligação com a produção das verdades. Isto implica dizer que diversos saberes se fundem quando tomamos por tema as discussões em torno dos processos históricos, linguísticos e culturais que envolvem a produção das identidades (HALL, 2004) no que concerne às sexualidades. Discutiremos as tentativas da mídia de fabricar indivíduos baseados em modelos de comportamento ditados pelo processo produtivo. Para tanto, analisaremos as condições de produção históricas e culturais que permeiam essas *práticas de subjetivação* (FOUCAULT, 2001). Objetivamos descrever as estratégias que a revista *Men's Health* utiliza para padronizar e excluir através da sexualidade. O papel atribuído ao gênero masculino pela revista será a base para a construção de um debate que endossará a Sociedade de Controle como praticante do poder pastoral. Utilizaremos a Análise do Discurso de Linha Francesa influenciada pelos trabalhos de Michel Foucault. Para este artigo, foi escolhida como corpus a matéria *Chapéu de viking? Tô fora!*, publicada no número 77, de setembro de 2012.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Mídia. Poder. Verdade. Sexualidade.

Abstract: The analytical of the power, described by Foucault as multifaceted and established through relationships, proposes that the assignment of the power has a narrow link with the production of the truth. This implies to say that several knowledges melt themselves when the theme are the discussions around the historical, cultural and linguistic processes that are related to the production of sexual identities (Hall, 2004), when it comes to sexuality. We discuss the media attempts to produce subjects based on behavior paradigms dictated by the process of production. For such work, we analysed the production conditions that come from the history and the culture that permeate this subjectivity practices (Foucault). We discuss the strategies that the magazine *Men's Health* uses to standardize and delete through sexuality. The assigned role to the masculine genre constructed by the magazine is the basis for a debate that endorses the Society of the Control as practitioner of the pastoral power. We use the French Discourse Analysis based on Michel Foucault works. To this paper, the reporter *Viking hat? I'm out!* was chosen. It was published at *Men's Health*, number 77, December, 2012.

Keywords: Discourse Analysis. Media. Power. Truth. Sexuality.

* Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), Jataí/GO, Brasil, lurdinhanpaniago@gmail.com

** Bolsista de Iniciação à Pesquisa da Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), Jataí/GO, Brasil, priscyllaalves5@gmail.com

Considerações Iniciais

Dizer algo significa assumir uma posição diante dos outros que será passível da crença ou não. Foucault (2008, p. 233), influenciado por Nietzsche, compreende por verdade a reunião de processos que justificam um enunciado ser ou não considerado verdadeiro:

Que é a crença? Como nasce? Toda crença é um aceitar algo como *verdadeiro*. A forma extrema do niilismo consistia em compreender que toda crença, o aceitar algo como verdadeiro, são necessariamente falsos: porque absolutamente não existe *mundo-verdade*. Este seria, então, um reflexo visto em perspectiva, cuja origem se encontra em nós (no sentido de que temos *necessidade* incessante de um mundo mais estreito, abreviado e simplificado). (NIETZSCHE, 1996, p. 24).

As relações humanas estabelecem-se através da palavra. Tudo que é dito e aceito recebe o estatuto de verdade. Há certo regime que regulamenta a produção dos dizeres e que classifica o verdadeiro e o falso, e este regime é cheio de especificidades, por exemplo: a verdade está localizada no discurso científico e nas instituições que o produzem e reproduzem. É constantemente usada pelo poder político e pela produção econômica. É espalhada pelas instituições educativas e pela indústria da comunicação. Ela é fabricada e disseminada através de uma fiscalização das grandes instituições políticas (universidades, exército, mídia). Nelas, os embates ideológicos acontecem. Que relações sociais são tão fortemente construídas a ponto de moldar o sujeito, controlá-lo e atribuir para ele um papel social embasado em uma identidade? É o que estudaremos.

Segundo Hall (2004, p. 13), a identidade é o sentimento de pertença construído social e historicamente. Ou seja, aspectos básicos que nos levam a nos comportar de determinada forma, como integrantes de grupos específicos, não estão descritos em nossos genes, não são biologicamente definidos e sim historicamente formados. Fazer parte de um grupo significa adotar certos padrões de comportamento, além de formar uma imagem de si mesmo e dos outros. Essa adoção de determinados paradigmas acontece no decorrer da vida do sujeito. Simone de Beauvoir (1970) já discutia essa mesma problemática abordando a questão dos gêneros, falando sobre o feminino: Beauvoir discute a questão dos gêneros. Sobre o feminismo, diz que

ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora este produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como o *Outro*. (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

A filósofa já identificava que o processo formador do indivíduo do gênero feminino surgia a partir de uma identidade de masculino pré-construída que, definida como modelo, tinha como proposta subjugar a mulher, ou seja, para o masculino afirmar-se como tal seria necessário estabelecer uma relação de poder sobre o sexo feminino, na qual se criou uma certa identidade para este. O controle de toda a natureza da relação social entre homem e mulher seria feito pelo sujeito do sexo masculino.

Hall também apresenta argumentos similares aos de Simone na discussão identitária: “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2004, p. 38). Como estes processos de formação identitária acontecem? O que faz com que as pessoas sigam padrões de comportamento sugeridos, achando-os justos e necessários? Essas questões são respondidas novamente por Hall quando discute o que Foucault intitulou de *poder disciplinar*, o qual, exercido pelas instituições modernas, ajuda a fundir um determinado comportamento social que objetiva tornar os sujeitos dóceis e úteis:

Foucault destaca um novo tipo de poder, que ele chama de ‘poder disciplinar’, que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo no início do presente século. O poder disciplinar está preocupado em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras, e em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que ‘policiam’ e disciplinam as populações modernas - oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante. (HALL, 2004, p. 42).

O texto que ora se apresenta analisará uma matéria da revista *Men’s Health*, publicação da Editora Abril destinada ao público masculino. A hipótese com a qual trabalhamos é a de que a revista, utilizando-se da linguagem, procura subjetivar o leitor. Que tipo de discurso a revista divulga? Que tipo de identidade ela dissemina? Nossa hipótese é que ela baseia-se na identidade viril, afeita à liderança, à preocupação estética e esportiva e que busca o domínio do ato sexual, no intuito de manter uma hierarquia entre os sexos na qual a mulher ocupa um papel servil, amparada pela identidade frágil e submissa que foi criada

envolvendo o conceito de feminino. Essas duas identidades (homem dominador, mulher controlada) se apóiam reciprocamente nos textos que a revista publica, sendo impossível a existência de uma sem a outra. Podemos afirmar que há uma produção de verdades cuidadosamente elaborada. Se o receptor tende a aceitar a representação de mundo feita pela mídia como a única possível é porque ele tende a tomá-la como verdade. Aí temos outro conceito foucaultiano muito importante: os mecanismos de poder induzem à produção de verdades. A mídia produz verdades e elas não existem fora do poder. O verdadeiro é o instrumento do qual as relações de dominação se utilizam para legitimar seus atos. Nas palavras de Foucault, “não há possibilidade de exercício de poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.” (2008, p. 180).

Por isso, entendemos a mídia como instituição que pode exercer certo tipo de poder sobre os indivíduos, pois o conteúdo que ela dissemina tende a ser assimilado como verdade pelos seus receptores. Tal panorama pode ser considerado no que se trata da subjetivação do gênero masculino pela revista *Men's Health*: a imagem de homem presente na publicação constitui-se numa tentativa de criar sujeitos baseada na disseminação de certo tipo de conhecimento sobre a sexualidade e na qual a liderança, o controle sobre o gênero feminino e a alienação política estão fortemente presentes.

O poder, a scientia sexualis e a construção de verdades

Segundo Foucault, o veemente conhecimento produzido pelas diversas sociedades sobre a sexualidade é chamado de supersaber:

Um saber de qualquer forma excessivo, um saber ampliado, um saber ao mesmo tempo intenso e extenso da sexualidade, não no plano individual, mas no plano cultural, no plano social, em formas teóricas ou simplificadas. Creio que a cultura ocidental foi surpreendida por uma espécie de desenvolvimento, de hiperdesenvolvimento do discurso da sexualidade, da teoria da sexualidade, da ciência sobre a sexualidade, do saber sobre a sexualidade. (FOUCAULT, 2004, p. 58).

Dessa forma, Foucault afirma que, concomitante ao próprio desconhecimento sexual individual, o não-saber do sujeito sobre o seu próprio desejo (cuja manifestação mais acentuada seria a histeria), havia, lado a lado com esse fenômeno, outro de supersaber cultural, social, científico e teórico a respeito da sexualidade (desconhecimento pelo sujeito, superconhecimento pela sociedade). Essas duas faces do mesmo assunto coexistiram nas sociedades ocidentais. A sexualidade se torna campo de atuação dos poderes, estreitamente associada à identidade e sua relação com a verdade é a de que se as pessoas falam sobre a sua sexualidade e a confessam, estão dizendo a verdade sobre elas mesmas.

Para explicar o que a Psicanálise comentou sobre essa simultaneidade, Foucault argumenta que havia uma tendência em dizer que essa realização teórica discursiva em relação à sexualidade ocidentalizada é o produto do desconhecimento, ou seja, é exatamente porque o sujeito desconhece a si próprio no âmbito da sexualidade e do seu desejo que inúmeros enunciados irrompem no âmago das esferas sociais. Os discursos que fazem emergir essa quantidade exagerada de proposições não eram ao todo corretos: eram também “discursos errôneos, afetivos, irracionais, mitológicos” (FOUCAULT, 2004, p. 59). O pensador vai além e afirma que Freud tentou explicar os conhecimentos obtidos sobre sexualidade a partir das fantasias infantis a respeito da mesma e dos grandes mitos da religião ocidental, mas que a Psicanálise não considerou a cientificização da produção de teorias sobre a sexualidade na sociedade ocidental.

Assim, o autor faz uma crítica a Freud. Enquanto o psicanalista tinha um pensamento reducente, cujo escopo era o campo mitológico e fantástico, o pensador francês afirma que há uma vasta bibliografia sobre o assunto que começa em Santo Agostinho e não deve ser ignorada nesse escrutínio; há uma inversão de perspectivas. Foucault não quer com isso desvalorizar a Psicanálise, mas colocá-la nesse amplo espectro, caracterizado pela grande economia que rege a criação de um saber sociocultural sobre a sexualidade.

O primeiro aspecto foucaultiano da análise sobre a produção de um supersaber sobre a sexualidade é que a cientificação desse discurso se deu de uma maneira muito rápida, temporã. A investigação teórica sobre o assunto nem sempre foi dotada de racionalidade, e ele cita a psiquiatria do século XIX, a psicologia moral do século XVII e da Idade Média que realizaram elaborações pretensivas de um discurso aparentemente racional e científico e, nesse aspecto, a razão foucaultiana traça a principal diferença entre o conhecimento sexual na sociedade ocidental e na oriental.

Para fazer esta distinção, Foucault utiliza dois termos: *ars erótica* e *scientia sexualis*. A primeira seria própria das civilizações orientais, bem como da Roma e da Grécia antigas, e designa um discurso produzido em grande quantidade e muito difundido. Este seria definidor de uma arte que buscaria por meio da relação sexual ou com os órgãos sexuais uma busca por determinado prazer mais longo, duradouro e intenso, que se materializaria tanto na interação do indivíduo com seu semelhante quanto sozinho. Seria a procura por maneiras de intensificar o prazer sexual. O discurso ocidental que remonta à Idade Média é completamente diferente desse. No Ocidente, não se ensina a estabelecer relações sexuais, a maximizá-las, a intensificar o próprio prazer por meio de uma arte estabelecida. Tudo isso é feito clandestinamente. Em oposição a *ars erótica* oriental, estabelecemos, no ocidente, a *scientia sexualis*, que não trata do prazer, mas busca a verdade relacionada ao sexo ou à sexualidade do indivíduo. Essa ciência sexual a busca pelo verdadeiro da sexualidade e não pela intensidade do prazer. São dois tipos de análise de duas culturas completamente distintas.

Então o autor começa a questionar as motivações que levaram a sociedade Ocidental a montar uma máquina de produção de verdades sobre a sexualidade. Observa que Freud foi o responsável pela intensificação dos debates concernentes a esse assunto, visto que a moral cristã burguesa interditou veementemente o tema, fazendo com que houvesse um desinteresse forçado.

A arte erótica na Antiguidade Clássica era deveras rica. Porém o desenvolvimento do cristianismo fez com que houvesse uma interdição, proibindo o prazer e, dessa forma, o sexo, pelas condições relativas à moral. A burguesia a partir do século XVI tornou essa repressão mais severa até o surgimento da Psicanálise. No entanto, o próprio Foucault apresenta ressalvas quanto a esse paradigma que destaca o Cristianismo como o repressor da sexualidade.

Para discutir esse modelo, Foucault (2004) cita o historiador francês Paul Veyne. Este realizou uma pesquisa cujos resultados o levaram a concluir que o Cristianismo não só fez a regra monogâmica aflorar, mas também atribuiu ao sexo somente a função reprodutiva e desqualificou o prazer sexual, relegando-o a uma posição pífia, a um mal que deveria ser evitado. Veyne afirma que, antes do Cristianismo arregimentar todo o Ocidente, esses modos de conduta já estavam presentes na Antiguidade através da filosofia Estóica. Portanto, o Cristianismo não seria o grande responsável pelas proibições. Basicamente elas já estavam incorporadas. Essa doutrina cristã teve um papel, sim, na história da sexualidade, mas não foi

a interdição. Foi o fato de que ela trouxe novas técnicas para impor a moral, mecanismos para melhor suggestionar essa moral.

O mecanismo mais importante que Foucault (2004) cita é o poder pastoral. Esse poder, segundo o autor, seria exercido por indivíduos que, na sociedade cristã, personificavam o papel de condutores, de pastores em relação a outros indivíduos que seriam o rebanho. Essa ideia não se encontrava na sociedade greco-romana. Não havia a concepção pastoral. A análise social era feita basicamente utilizando a ideia de trama, tecido, o Estado seria o tecido e os cidadãos seriam os fios desse tecido. Não havia uma ideia de condução, de liderança espiritual, nem de rebanho, nem de pastor. Esse juízo foi encontrado no mundo do Mediterrâneo oriental, mais precisamente na comunidade hebraica, a salvação do povo judeu dependia de um indivíduo (pastor) que conduzisse o povo (rebanho) à terra prometida.

O poder pastoral, ressaltando Foucault (2004), opõe-se ao tradicional poder político porque sua característica principal não é ser exercido num território. É ser exercido sobre os indivíduos, não tem como objetivo a vitória ou a conquista de terras e meios de produção. Não é fazer o mal a inimigos; é fazer o bem aos indivíduos, garantindo que sobrevivam e façam o grupo sobreviver; não procura triunfos, procura fazer beneficiamentos. É um poder envolvido na devoção; o pastor sacrifica-se pelo bem das suas ovelhas. É individualista, preocupa-se com cada pessoa em particular; garantindo a salvação de cada indivíduo, ele garante a salvação do rebanho.

O cristianismo foi o responsável por fazer adentrar essa espécie particular de poder no interior do Império Romano, e assim organizou os cidadãos numa espécie de pastorado. Esse mecanismo foi se desenvolvendo até se tornar parte da história do Ocidente cristão e característica muito importante analisada na história da sexualidade.

Segundo o historiador, a significação da existência de um poder pastoral reside no fato de que este impõe a todo indivíduo uma busca pela salvação, que não é algo que se configure como uma escolha: o sujeito submetido ao poder pastoral é obrigado a se salvar. O pastor vigia as pessoas, obriga-as a fazerem tudo o que é preciso para a sua salvação e exige obediência absoluta e humildade. Algo nunca visto em outras sociedades.

Conforme a teoria foucaultiana, para que esse objetivo de obedecer por obedecer seja concretizado, para que o pastor exerça o controle sobre seu rebanho, o poder pastoral passa a lançar mão de técnicas e tecnologias de produção de verdades: ele ensina a verdade, a moral e os mandamentos. Assim ele é mestre em vários sentidos da verdade: por um lado a propaga e,

por outro, deve saber tudo o que fazem os indivíduos que são suas ovelhas. Esse conhecimento sobre o rebanho é uma condicional preponderante para o exercício do pastorado cristão.

Assim se define o mecanismo da confissão, do fazer dizer, de induzir a ovelha a produzir as suas próprias verdades obtendo enunciados confessionários, que num ato de obediência e de humildade são proferidos.

Esse é o ponto de ligação que conseguiu estabelecer um equilíbrio entre a espiritualidade e a laicidade, um meio de controlar os indivíduos, que, por meios de suas confissões, revelam tudo, inclusive os direcionamentos, desejos e atos sexuais. Foucault explica:

[...] uma concepção no fundo relativamente moderada quanto à sexualidade, que fazia com que a carne cristã jamais fosse concebida como o mal absoluto do qual era preciso desembaraçar-se, mas sim como a perpétua fonte, dentro da subjetividade, dentro dos indivíduos, de uma tentação que corria o risco de levar o indivíduo a ultrapassar as limitações impostas pela moral corrente, ou seja: o casamento, a monogamia, a sexualidade para a reprodução e a limitação e a desqualificação do prazer. (1999, p. 35).

Acreditamos, assim, tomando como base as palavras de Foucault, que a *moral moderada* que estabeleceu a sociedade civil de base cristã é a responsável por fazer funcionar toda essa maquinaria do poder pastoral. O conhecimento, o fazer dizer e o dom de proferir verdades nada mais são que um processo, um método de subjetivação do indivíduo. É uma governamentalidade que forma identidades baseadas numa moral cristã. E ela é produtiva, tanto no plano metafísico como no plano material. É produtiva no que diz respeito a práticas de subjetivação, criação de identidades e comportamentos. O indivíduo passa a respaldar as suas ações na produção de verdades feita por ele ao pastor e vice-versa. O respaldo pode nem sempre surtir um resultado que o fio condutor da sociedade julga como certo, mas o sujeito sempre terá um parâmetro para os momentos de decisão em que ele terá que escolher entre algo correto ou algo condenável pela sociedade. Colocando em prática não um mecanismo de interdição, mas um mecanismo de vários posicionamentos de saber (dos indivíduos, pelos indivíduos, para os indivíduos), o controle estabelece uma ordenação social.

O mistério e a proibição em torno do sexo, no entanto, desaparecem paralelamente ao surgimento das novas necessidades sociais, algumas dessas motivadas pelo modo de produção vigente: “Por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica a falar

do sexo” (FOUCAULT, 1999, p. 26). O discurso racional construído para se falar sobre o sexo percebe uma necessidade de se tornar público. Há várias razões para isso, dentre elas, Foucault cita:

Fortalecer e aumentar, pela sabedoria de seus regulamentos, a potência interior do Estado e, como essa potência consiste não somente na República em geral e em cada um dos membros que a compõem, mas ainda nas faculdades e talentos de todos aqueles que lhe pertencem, segue-se que a polícia deve ocupar-se inteiramente desses meios e fazê-los servir à felicidade pública. Ora, ela só pode atingir esse objetivo através do conhecimento que possui dessas diferentes vantagens. Polícia do sexo: isto é, necessidade de se regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.[...] cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se, sobreleva-se ao poder público, exige procedimentos de gestão, deve ser assumido por discursos analíticos. (FOUCAULT, 1999, p, 27).

O crescimento populacional de um Estado não se dá de uma forma *natural*, na qual a população se propaga por meios livres, mas sim motivado por uma indústria, por uma sistemática produtiva e pelo apoio de diferentes instituições, entre elas a mídia, uma das instituições mais fortes do mundo contemporâneo:

Desde o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício, criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular [...] do singular imperativo que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente [...] (FOUCAULT, 1999, p. 34).

Essa teorização é usada por nós para a análise que nos propomos a fazer neste trabalho.

Análise do Discurso: metodologia aplicada

A Análise do Discurso (AD) observa o homem falando, produzindo textos, estuda a língua funcionando para a produção de sentidos. A problematização por ela lançada diz respeito à maneira pela qual os textos produzem significados, gerando assim, inteligibilidades a partir do texto em si, que é visto como um lugar de produção ao mesmo tempo simbólico e

político. Três domínios se entrecruzam em sua constituição: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A neutralidade dos textos produzidos pelas esferas sociais é descartada e a linguagem é tomada em sua opacidade:

A Linguística constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem o seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação Linguagem/Pensamento/Mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. Por outro lado, a Análise de Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. Daí, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto linguístico-histórica. (ORLANDI, 2001, p. 34)

Assim, concebemos a língua não como uma estrutura abstrata, mas como acontecimento produzido por sujeitos (na concepção da Psicanálise) que se encaixam em determinados lugares históricos, sendo assim afetados por eles – o real é afetado pelo simbólico e este tem uma ligação muito forte com as determinações políticas. Sendo assim, a AD acredita que o sujeito discursivo tanto produz quanto assimila sentidos que tentam realizar processos de subjetivação, de construção de identidade e consecutivamente, de produção de realidades. As relações travadas pela linguagem são relações construídas entre sujeitos cujos efeitos de sentidos são estabelecidos entre locutores (GREGOLIN, 2001, p. 21).

Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos. As sistematicidades linguísticas – que nessa perspectiva não afastam o semântico como se fosse externo – são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é assim condição de possibilidade do discurso. (GREGOLIN, 2001, p. 22)

Dessa forma, a AD tece teorias sobre a interpretação, objetivando entender como os aparatos simbólicos geram significações, observando, para tanto, os movimentos de intelecção, assumindo-os como fatos pertencentes ao campo simbólico, que interfere no *real* do sentido. Não há a procura de um verdadeiro, de uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o analista, com seu dispositivo, tem que se tornar pronto a

entender, para compreender como algo produz sentidos. A prática de leitura do analista forma o seu dispositivo de análise.

Feita a análise, e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu. Nesse momento é crucial a maneira como ele construiu seu dispositivo analítico, pois depende muito dele o alcance de suas conclusões. (GREGOLIN, 2001, p. 28)

Neste trabalho partimos, então, do entrecruzamento da AD com os construtos teóricos do filósofo Michel Foucault sobre verdade, poder, saber e sexualidade, das teorias sobre identidade do estudioso cultural Stuart Hall e das teorias da comunicação que se relacionam com a mídia para analisar contextos sócio-históricos, ideológicos.

O *corpus* que tomaremos neste artigo é a Revista Men's Health, edição de setembro de 2012, na qual a reportagem *Chapéu de Viking? Tô fora!* foi publicada. Consideramos, como hipótese deste trabalho, que a sociedade, particularmente a mídia, esforça-se em fabricar determinados sujeitos e, nesse processo, organiza seus discursos para promover a manutenção de determinados tipos identitários. Para isso, distribui o poder a um gênero em detrimento do outro, sugerindo formas de agir aos indivíduos de gênero masculino que podem resultar na subjetivação do gênero feminino, como veremos na análise da reportagem.

A memória é tratada como interdiscurso, algo já dito antecipadamente em uma posição diferenciada. O saber discursivo trata dos dispositivos de dominação sexual masculina, que possibilitam os textos produzidos, atribuindo a eles valor de verdade, permitindo assim dizeres que interferem no modo como o sujeito significa na situação discursiva dada. No caso que analisamos, tudo o que já se disse sobre os gêneros masculino e feminino, sexo, sexualidade e prazer incluindo os dizeres políticos que significaram, em diferentes meios, os sentidos da sexualidade, estão, de certo modo, gerando significados. Todos estes sentidos, que já foram ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que a referida revista diz. São sentidos reunidos no texto através do lastro que foi deixado pelas sociedades burguesas e patriarcais através dos séculos que presume na nossa experiência concernente à sexualidade, que os homens detêm certa supremacia no uso dos prazeres, na compreensão do funcionamento do seu corpo e como este pode servir para uma subjugação.

A formulação dos textos da *Men's Health* está, então, determinada pela relação que esta estabelece com o interdiscurso e com a historicidade, ou seja, o saber discursivo da sociedade burguesa e patriarcal, que foi se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres, o que contribui na constituição da rede de sentidos da referida revista.

Análise do corpus

Para analisar a afirmação de que a mídia é uma instituição que cria discursos sobre a sexualidade para governamentalizar o indivíduo, exercendo sobre ele um controle que procura torna-lo dócil e produtivo, selecionamos a revista *Men's Health* n. 77, de setembro de 2012. Analisaremos a reportagem intitulada *Chapéu de viking? Tô fora!*. O texto é classificado como um *guia* (e aqui ressaltamos uma semelhança com o poder pastoral, pois o substantivo *guia* é derivado do verbo *guiar*, cujo significado é proteger, governar, conduzir, atribuindo, assim, à reportagem as características principais de um pastor). Por meio desse guia, os homens poderiam obter informações a respeito dos perfis femininos mais propensos à infidelidade.

A matéria foi fundamentada numa investigação, que trata de sexualidade e saúde mental. O primeiro parágrafo do texto lança dados estatísticos de pesquisa realizada por uma psiquiatra com 6.846 participantes, cuja minoria (25,7%) admitiu ser infiel. Previamente ao lançamento da estatística percentual, os autores do texto declaram: “As mulheres estão mais infiéis do que nunca”. Se a declaração foi fundada no resultado estatístico, lançamos a seguinte pergunta: por que a revista, mesmo após realizar a verificação e constatar que os dados são relativos a uma minoria, afirma, por meio do artigo definido *as*, que *As mulheres* são infiéis? Por que foi usado o *as* e não *o algumas*, ou mesmo, *muitas*, por exemplo? Por que não se ressaltou que a traição é praticada apenas por uma minoria?

Fundamentados nas estatísticas que apresentam, os repórteres embasam-se em opiniões científicas, que não estão vinculadas à pesquisa da psiquiatra, no intuito de descrever identidades femininas que, segundo eles, seriam adeptas da infidelidade.

Se a pesquisa feita verificou que apenas a minoria das mulheres era infiel e se os estudos sobre as identidades do gênero ditas infiéis foram conclusões obtidas em outras investigações que, aparentemente, não foram feitas em conjunto com a busca realizada, fatos

que podem desestabilizar o texto em questão, por que a publicação, ainda assim, veiculou o texto?

Ora, se consideramos que o poder está disperso por toda a rede social, numa malha; é exercido através da língua, e que nenhum enunciado é neutro, podemos concluir que todos os dispositivos que se utilizam da linguagem para se promover também podem exercer poder. Aí incluímos a mídia em todos os seus formatos e especificamente o que iremos analisar.

Se o receptor tende a acolher a exibição de mundo feita pela mídia como a única possível é porque ele tende a reconhecê-la como verdade. Este é outro conceito foucaultiano muito importante: os mecanismos de poder induzem à produção de verdades. Não existe verdade fora do poder. Estabelecer que um conjunto de ideias é verdadeiro é a maneira pela qual as relações de dominação se intercambiam para legitimar seus atos. Nas palavras de Foucault (2008, p. 180), “não há possibilidade de exercício de poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade”.

Assim sendo, compreendemos a mídia como instituição que exerce certo tipo de poder sobre os indivíduos, pois a informação que ela transmite pode ser assimilada como verdade pelos seus receptores. Se isso ocorre, afirmamos que a revista *Men's Health* tenta objetivar o gênero masculino por meio do entrecruzamento de diferentes enunciados pertencentes ao discurso científico (o que é um campo de produção de verdade já legitimado pela sociedade). Na matéria analisada, a revista cria um texto rico em identidades femininas forjadas. Estas são mostradas e por meio delas, a revista convida o leitor a desenvolver comportamentos que entram em conformidade com um posicionamento superior na *hierarquia dos relacionamentos*.

O texto estabelece cinco identidades femininas infíéis: *a fêmea alfa*, *a carente de atenção*, *a caçadora de emoções*, *a fera do prazer*, *a donzela em perigo*. Para cada uma dessas mulheres, há uma descrição detalhada. A fêmea alfa - referência ao conceito já cunhado pela biologia de macho alfa, que seria o macho predador) - é a mulher independente, bem-sucedida e rodeada de homens. A carente de atenção - título que classifica a mulher como uma dependente emocional - é caracterizada como *de forte apelo sexual* e, segundo os dados lançados, teria uma quantidade do hormônio estrogênio em excesso, o que a levaria a trair mais. O texto não detalha o que seria *o forte apelo sexual*. A caçadora de emoções,

segundo a reportagem da revista, é a mulher que produz dopamina (hormônio da excitação) em demasia, sendo assim uma pessoa predisposta a *correr riscos*. A fera do prazer é aquela que tem níveis elevados de testosterona, o que aumentaria sua libido. A donzela em perigo - alusão a contos de fada nos quais a mulher é representada como um indivíduo frágil que é sempre salva por um cavaleiro ou príncipe - é aquela que, relegada ao segundo plano pelo seu parceiro, aproxima-se de outro que não o seu cônjuge, quando surge algum problema que ela não consegue resolver; ou seja, esse último tipo sugere que a mulher recorre a um homem sempre que se sente incapaz de resolver problemas.

Percebemos que todas as construções identitárias são extremamente pejorativas. O texto não sugere em momento algum que possa haver mulheres que não caibam nesses padrões ou mesmo que esses padrões seriam apenas um esboço do complexo comportamento humano, sendo insuficientes para definir uma pessoa. São totalizantes, pois o texto considera como únicas as suas distorções a respeito da imagem atribuída ao feminino e relativiza o comportamento masculino no sentido de que este deve se utilizar de fórmulas prontas (dadas pela revista) para adaptar cada identidade ao seu perfil, subjugando-a de maneira sutil, governamentalizando-a. Ocorre um processo de objetivação/subjetivação, explicado nas palavras de Revel:

Os 'modos de subjetivação' ou 'processos de subjetivação do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência. (REVEL, 2005, p. 82).

Há conselhos que determinam como o masculino deve agir com todas as cinco identidades femininas. A seguir são transcritas as admoestações sugeridas à atitude que seria adequada a tomar com a fêmea alfa, com a carente de atenção, com a caçadora de emoções, com a fera do prazer e com a donzela em perigo:

Elimine o instinto traidor [da fêmea alfa]: Ter autoconfiança é sua melhor defesa. Tome a iniciativa do sexo com mais frequência e a desafie para novas experiências. Enfrente a fera. A última coisa que ela quer é outra pessoa rastejando aos pés dela. Lembre-se: para estas mulheres, a luta pelo poder é afrodisíaca.
Elimine o instinto traidor [da carente de atenção]: Solte-a com outros homens. Pode não parecer sensato, mas apresentá-la a seus primos ou brothers (confiáveis) dará a você a segurança necessária. 'Tentar privá-la de sair com os amigos só alimenta o

desejo dela de querer algo mais’, diz Lana Harari. Atenção: ignore esse conselho se você for parente de George Clooney.

Elimine o instinto traidor [da caçadora de emoções]: Comece um novo hobby como casal. Sugira experimentar restaurantes novos, como aqueles com comidas exóticas. Uma dica: alimentos que contêm tirosina, como peixes, castanhas, queijos magros ou bananas, também irão aumentar a dose de dopamina, mas de forma segura.

Elimine o instinto traidor [da fera do prazer]: Use mais o tato: toque, abrace, acaricie, dê as mãos... ‘Esse contato remete ao sentimento do início do relacionamento’, diz Andrew Marshall. Uma ideia é deixar a mão nas costas dela enquanto esperam uma mesa livre no bar. ‘Além do cavalheirismo, mostra que você é orgulhoso em tê-la como companhia’, aconselha Lana Harari.

Elimine o instinto traidor [da donzela em perigo]: Quando estiverem conversando, repita o último adjetivo que ela usou. Ao repetir as descrições que ela faz, você sinaliza que a compreende, ou seja, ela não precisa procurar outra pessoa que faça isso. (MEN’S HEALTH, n. 77, set. 2012, p. 97-98).

Notamos também, nessa gama de enunciações, que o conceito foucaultiano da governamentalidade encontra-se latente. São enunciados que procuram fazer o leitor agir de determinada maneira sem se sentir coagido, mas assumindo essa ação como algo que lhe fará bem. A governamentalização aparece em duas camadas na reportagem: o texto tenta fazer o homem agir de determinada maneira (percebemos a partir dos verbos no Imperativo como: elimine, solte, tome, desafie, enfrente, comece, sugira, repita). Se ele deixar-se subjetivar pela revista e fizer o que é recomendado, estará, por meio das sutis estratégias propostas, objetivando a mulher de forma que ela considere que as ações dele são benéficas (e por isso necessárias) quando não passam de um cuidadoso esquema de controle e vigilância.

Além desses pareceres, a reportagem reúne confissões de amantes de mulheres que, supostamente, se encaixariam nessas objetivações/subjetivações, reiterando a existência de indivíduos do gênero feminino pertencentes a esses perfis limitados, como podemos ler no trecho intitulado *Eles aproveitaram a brecha*, da página 97, transcrito a seguir:

Uma mulher casada com quem saí percebeu que sua função no casamento era apenas ouvir. De certa forma, ela se sentia rejeitada pelo marido, uma vez que falar do dia a dia dele era mais importante do que manter o relacionamento sadio. A situação virou uma bola de neve, causando estresse, insegurança, até que atingiu a autoestima dela. Conheci essa mulher através de amigos e, no começo da nossa relação, era ela quem mais falava durante nossas conversas. Isso a fez relembrar que é, sim, uma mulher interessante. Até sua postura ficou diferente: ela passou a se produzir mais, se sentia mais sexy. Quando ela está bem, você só tem a ganhar. (MEN’S HEALTH. *Chapéu de Viking? Tô fora!* n. 77, set. 2012, p. 97).

Uma única imagem é reproduzida várias vezes ao longo do texto. Nas fotos, ora aparece uma mulher, ora aparecem três. Todas as mulheres têm os cabelos ruivos e estão

vestidas com roupas íntimas cuja estampa assemelha-se bastante a pelagem de animal selvagem. A posição em que as mulheres se encontram é a mesma em todas as fotos: aquela a que comumente chamamos *de quatro*. Simulam animais. Estão viradas todas para um mesmo lado, como se estivessem caminhando, em bando, à procura de alguma coisa. Algumas têm um dos braços dobrados, simulando que o animal está prestes a dar o próximo passo. O efeito de sentido que daí se pode depreender coaduna-se perfeitamente com o texto verbal. Insinua-se que há uma relação entre o comportamento da mulher que trai e o das fêmeas de outras espécies, principalmente as que têm o papel de predadoras na cadeia alimentar (onças, guepardos, etc). São felinas e buscam machos.

Sugere-se que essas cinco identidades podem ser dominadas. Se os leitores souberem identificá-las e se eles seguirem os conselhos dados, que vão desde subjugar pelo sexo, pela alimentação, por estratégias de elaboração de falas, serão capazes de driblar o fantasma da traição.

Nossa análise se desdobra e pode-se afirmar que outro efeito de sentido é possível: assim como os animais ferozes, as mulheres também podem (devem?) ser submetidas ao domínio do homem. No conselho referente à carente de atenção, notamos o verbo no imperativo *solte-a*, como se a parceira estivesse presa como uma fera perigosa.

A análise aqui realizada mostra que a fabricação de um tipo específico de masculino pode ser permeada pela descrição/análise de um tipo específico de feminino.

Considerações finais

No *corpus* estudado, temos um texto que, de maneira bem explícita, tenta ensinar o homem a se relacionar com *tipos* de mulheres que, supostamente, pelos seus perfis caricatos, seriam infieis. Assim, utilizando-se de processos de construção de identidades, a revista não ocupa, de forma alguma, uma posição neutra:

não há enunciado em geral livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (FOUCAULT, 2000, p. 43)

O jogo enunciativo da publicação enquadra-se no processo da produção. “É preciso produzir verdades para produzir riquezas” (FOUCAULT, 2008, p.100). A reportagem tenta induzir o homem a adotar certos comportamentos: se o homem desconfiado (e entendemos que uma pessoa que desconfia da outra pode apresentar alterações comportamentais que porventura reduzam o seu desempenho na sociedade) recebe informações que podem ajudá-lo a governamentalizar a sua parceira, conseqüentemente ele passa a ter certo tipo de controle sobre ela. Este mesmo homem, na nossa hipótese, recebeu um benefício que o recoloca no topo de uma hierarquia. Assim, ele pode exercer o poder sobre a mulher sem que esta perceba e isso o coloca numa situação de bem-estar, que terá reflexos na sua vida social, o que não deixa de incluir a esfera do trabalho e a da saúde, pois uma mulher que tem múltiplos parceiros está mais propensa a doenças sexualmente transmissíveis que podem prejudicar a si e ao seu cônjuge. E pessoas doentes não são produtivas.

A mulher objetivada exerce um papel fundamental nesse jogo. Quando a revista masculina determina como as mulheres são, enquadrando-as de maneira sistemática nas cinco identidades estabelecidas (ignorando a limitação destas e a existência de outras), ela reforça, numa condição de produção sócio-histórica e cultural, um modelo de hierarquia patriarcal preexistente:

Economicamente homens e mulheres constituem, como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. (...) O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. (...) É um caminho nefasto porque passivo alienado, perdido. (BEAUVOIR, 1970, p. 27).

A reportagem não se liberta, em nenhum momento, dessa descrição feita por Beauvoir. Muito pelo contrário. Ela a afirma constantemente, em todos os seus dados e argumentações. O texto é claramente uma ferramenta que estimula o homem a controlar a mulher, sem que ela perceba este controle, que é exercido de forma sutil. Assim, o indivíduo do gênero feminino entenderá que é um benefício e jamais um modo hierarquizante de definir comportamentos. Compreendemos que nossa hipótese foi confirmada, pois a partir de uma objetivação feminina- dada pela produção de verdades de uma determinada comunidade científica, de uma

relação entre mídias e confissões de indivíduos masculinos- o indivíduo gênero masculino é subjetivado. A *polícia do sexo* citada por Foucault age sobre ele:

Objetar-se-á, sem dúvida que, para falar do sexo foi necessário tanto estímulo e tanto mecanismo coercitivo é porque reinava, globalmente, uma certa interdição fundamental: somente necessidades precisas – urgências de natureza econômica, utilidades políticas – poderiam suprimir essa interdição e possibilitar alguns acessos ao discurso sobre o sexo. (FOUCAULT, 1999, p. 36).

A natureza política da demanda de um supersaber fabricado é voltada para a arte de governar escondendo a repressão. A mídia é uma instituição que coaduna com o Estado, fortificando os mecanismos deste, fortalecendo o que Michel Foucault chama de Biopoder, o poder que o governo exerce sobre a vida dos sujeitos que tem suas identidades construídas no âmbito da sexualidade:

[...] a sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende também da regulamentação. A extrema valorização da sexualidade [...] teve, assim creio, seu princípio nessa posição privilegiada da sexualidade entre organismo e população, entre corpo e fenômenos globais. Daí também a ideia médica segundo a qual a sexualidade, quando é indisciplinada e irregular, tem sempre duas ordens de efeitos: um sobre o corpo, sobre o corpo indisciplinado que é imediatamente punido por todas as doenças individuais que o devasso sexual atrai sobre si. [...] Mas, ao mesmo tempo, uma sexualidade devassa, pervertida, etc., tem efeitos no plano da população, uma vez que se supõe que aquele que foi devasso sexualmente tem uma hereditariedade, uma descendência que, ela também, vai ser perturbada, e isso durante gerações e gerações, na sétima geração, na sétima da sétima. É a teoria da degenerescência: a sexualidade, na medida em que está no foco de doenças individuais e uma vez que está, por outro lado, no núcleo da degenerescência, representa exatamente esse ponto de articulação do disciplinar e do regulamentador. (FOUCAULT, 2002, p. 300-301).

Assim, regulamentar o comportamento sexual dos indivíduos se torna mister para o Estado, que, além dos seus próprios métodos de controle, utiliza-se da mídia para reforçar os seus enunciados de forma sutil, de maneira que o indivíduo, lendo um texto como o que foi analisado, possa sentir necessidade de agir da forma que lhe é *recomendada*. É claro que há resistências, é claro que o governo nunca atingirá a totalidade de seus cidadãos, algo que Nietzsche já previa:

Uma sociedade não tem o direito de permanecer jovem. Até no seu apogeu, ela expele excrescências e detritos. Quanto mais progride em audácia e energia, mais se torna rica em descontentes, em deformados, mais se aproxima de sua queda... Não se

suprime a velhice pelas instituições. Nem a doença. Nem muito menos o vício. (NIETZSCHE, 1996, p. 30).

Desse modo, podemos concluir que a tentativa de subjetivação, que ocorre por princípios controladores, nunca será eficaz em sua totalidade, pois o ser humano não é um indivíduo totalmente passivo. Há os que aceitam o controle, mas há também aqueles que o rejeitam. Novas identidades de gênero que não prendem o indivíduo a papéis tão restritos, excludentes e opressores surgem em novos espaços de interação social, identidades antigas são expostas à discussão. O antigo padrão baseado no patriarcalismo é questionado, negado em lugares que escapam ao rígido cuidado das instituições.

Referências

BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo, parte 1: os fatos e os mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 3. O Cuidado de si*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *História da Sexualidade 1. A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

_____. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

_____. *Microfísica do poder*. 25. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

GREGOLIN, M. do R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Língua(gem) – Imagens e discursos*, Vitória da Conquista, v.6, n.1, p. 81-97, jun. 2001.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Edições DP&A, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MEN'S HEALTH. *Chapéu de Viking? Tô fora!* São Paulo: Abril, n. 77, set. 2012.

NIETZSCHE, F. W. *A vontade de poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Editora Clara Luz, 2005.

TEMER, A. C. R. P. *Para entender as Teorias da Comunicação*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2009.